

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FORMAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA - FIEI
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA - CIÊNCIA DA VIDA E DA
NATUREZA

Romildo Alves da Conceição (Cacique Txonãg)

**Os Seres Encantados da Mata do povo Pataxó na Aldeia Imbriruçú,
Carmésia M.G**

**Belo Horizonte
2023**

Romildo Alves da Conceição (Cacique Txonãg)

**Os Seres Encantados da Mata do povo Pataxó na Aldeia Imbriruçú,
Carmésia M.G**

Percurso acadêmico apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciado do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Marco Scarassatti

Coorientador: Msc. Flávio Santos (Doutorando em Educação / FaE – UFMG)

**Belo Horizonte
2023**

Dedico esse trabalho para toda minha família (minha esposa Adriana, meus filhos Indhyayane, Tarawi, Indhynawi e Konuãky); ao vice cacique Akayran e sua esposa Roneara, aos meus irmãos e irmãs e a toda minha comunidade da Aldeia Imbiruçu.

Agradeço ao Professor Marco Scarassatti e ao Professor Flávio Santos.

In memória do Cacique *Mongangá* e a *Hemungai*.

RESUMO

O presente estudo de cunho qualitativo tem como intuito salvaguardar os conhecimentos tradicionais e a cultura Pataxó em Minas Gerais. Tendo como foco os encantados da mata, chamados de Naôs, seus saberes, sua importância na preservação da Natureza; e a importância do estudo e preservação da religiosidade Pataxó. Este percurso perpassa pela história oral do primeiro autor entrelaçando nas vivências de outros atores do Povo Pataxó e resultou na produção de uma mídia digital (PodCast).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETIVO GERAL	9
OBJETIVOS ESPECIFICOS	9
METODOLOGIA	10
DE MONGANGÁ A TXONÃG: A VIDA MEDIADA PELOS NAÔ	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS / ANALISE	15
REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO

A história do Povo Pataxó é constituída por diversos trânsitos e caminhos que tecem sua tradição. Segundo Santos (2020, p.15) “os Pataxó são grupos de ameríndios que tradicionalmente vivem na região do sul da Bahia e no passado percorriam as matas dos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo até o litoral”. O deslocamento deste povo para o estado de Minas Gerais ocorreu devido ao evento denominado “fogo de 51”; momento lembrado por toda a comunidade como marco histórico de tristeza e violência em seu território. Segundo Kanatyó Pataxó (1997):

Numa noite, os policiais de vários municípios se juntaram e cercaram a aldeia, colocaram fogo nas casas, atiraram nos índios que fugiam apavorados. Outros não tinham nem chance de fugir, morriam ali mesmo. Os poucos índios que conseguiram fugir, para sobreviver, tiveram que trabalhar como escravos nas fazendas. Um Pataxó, que conseguiu resistir a tudo isso, disse: Índio perdeu o seu valor, não tem mais respeito, não tem mais as suas terras, não tem mais espaço para falar a verdade e nem para contar sua história. (PATAXÓ et al., 1997, p. 28)

Atualmente, o povo Pataxó reside em sete aldeias no estado de Minas Gerais: quatro aldeias na reserva indígena Guarani (*Carmésia*) e três aldeias em Araçuaí, Açucena e Itapeçerica. Com o deslocamento para o estado o povo Pataxó trouxe consigo sua tradição, sua religião e seu modo de vida. É alicerçado na sua cosmologia que nós povos indígenas nos fortalecemos para seguir e lutar por nossos direitos. Enquanto se discute os impactos da ação humana sobre a natureza, causando destruição e escassez dos recursos naturais; segundo Davi Kopenawa na obra “a queda do céu” os povos indígenas assistem a tudo isso como os últimos guardiões na preservação da Natureza.

Wande Abimbola, líder religioso do povo indígena africano yoruba, escreveu no texto, *Religião, Ordem Mundial e Paz, uma perspectiva Africana Indígena*, que “A maioria das religiões indígenas do mundo está enraizada no respeito ao meio ambiente”. Para esse povo, cada colina, cada rio, árvore ou montanha, são divindades, assim como o vento, a força do trovão e dos animais também. Ele diz isso para demonstrar que seu povo protege a natureza através não só da forma de vida, mas também por sua religiosidade ser de adoração a ela.

Nesse texto ele ainda suplica às autoridades da Organização das Nações Unidas (ONU) que proteja as práticas religiosas indígenas - no caso africanas - dos

ataques evangelizadores das religiões cristãs e muçulmanas, que defendendo suas escrituras sagradas, tentam erradicar as formas de viver e se relacionar com o mundo e com a espiritualidade que é próprio das religiões indígenas. Nestas religiões, como é o caso também da religião tradicional Pataxó, a força da espiritualidade está na natureza, assim como todos os aspectos da vida também estão.

No caso do povo Pataxó, nossa espiritualidade é marcada pela presença daqueles que chamados de encantados, os Naôs, que são manifestações da força da natureza que se relacionam conosco através dos pajés, nos ensinando a como cuidar da natureza, como nos curar, como nos mantermos em equilíbrio. Essa sabedoria que os encantados nos passam, nos ensina a viver melhor e mais integrado ao meio ambiente no qual vivemos, nos dá força para a luta e para a resistência. Entretanto, desde a invasão portuguesa, a nossa religião tradicional é atacada. Antes pelos jesuítas, agora, cada vez mais, pelos evangélicos, que muitas vezes não aceitam as nossas crenças e saberes relacionados aos encantados.

O presente estudo busca dissertar sobre os encantados Pataxó, os Naôs, suas características e relação com as forças da Natureza, seus ensinamentos, histórias e aparições, de forma a valorizar e estruturar nosso saber relacionado a eles, para que não se perca o culto e os rituais que permitem as suas manifestações e para que esses saberes sejam conhecidos e valorizados na educação escolar indígena.

OBJETIVO GERAL

Evidenciar a cultura Pataxó partindo dos saberes dos encantados da mata do povo Pataxó em Minas Gerais.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Reconhecer a cultura, a tradição, a religião e suas práticas do povo Pataxó, através de registros de pesquisas, entrevistas realizadas com anciões e pajés do povo Pataxó.
- Disseminar a tradição, a cultura e os saberes do povo Pataxó para as futuras gerações.
- Evidenciar o respeito [reverência] do povo Pataxó a natureza [mata] e aos encantados que nela vivem reforçando que tudo que tem vida e espírito.
- Produzir um podcast sobre os encantados na cultura Pataxó.

METODOLOGIA

O percurso metodológico deste estudo desenvolvido em três fases: exploratória, campo e análise dos materiais (MINAYO, 2015, p.26). A fase exploratória direcionada ao levantamento de bibliográfico e documental produzidos com e pelo povo Pataxó. A fase de campo realizamos entrevista narrativas com anciões do povo Pataxó com foco nos saberes e fazeres dos encantados da mata. Cabe destacar que a entrevista narrativa, é um método que apresenta singularidades para dinâmica intercultural. Santos (2020) aponta que a “narração tem sua gênese na questão gerativa denominada de “narrativa principal”, na qual o interlocutor se envolve com o ritmo de sua própria história”.

Portanto, para o desenvolvimento do estudo, convidamos o Cacique Bayara Pataxó da Aldeia Gerú Tucunã Pataxó, localizada em Açucena/MG que possui diversos saberes sobre a cultura e a tradição de nosso povo. A entrevista realizada em setembro de 2022 na Universidade Federal de Minas Gerais e registrada em áudio com autorização do interlocutor. A análise dos materiais coletados teve como objetivo relacionar os saberes e fazeres que emergem da territorialidade do povo pataxó mediada pela oralidade. O presente material resultou na elaboração de um podcast que relaciona a vida dos Caciques Bayara e Txonãg com os encantados, demonstrando a força da relação dos Naô, com os conhecimentos de cura e preservação da Natureza.

DE MONGANGÁ A TXONÃG: A VIDA MEDIADA PELOS NAÔ

Sou Cacique Romildo Pataxó conhecido como Cacique Timbá, aqui da aldeia Imbiruçu do município de Carmésia, Minas Gerais. Sou filho de Cacique Mongangá (Figura 01), da guerreira Hemungã sobreviventes do fogo de 51 nascidos em Barra Velha/BA. Na década de setenta, eles tiveram a ideia de largar a aldeia mãe pra buscar uma vida melhor para seus filhos. Ele tinha conhecimento muito grande, com relação a natureza, com os seres encantado da mata e como foi proibido de caçar, de pescar, de plantar, com a criação do Parque do Monte Pascoal buscou outra forma de viver. Para poder voltar novamente a falar como indígena, a andar como indígena, fazer suas práticas tradicionais, sua religião – que ele nunca deixou de lado – assim como a forte cultura do povo Pataxó Ele sempre carregou isso dentro dele. Então Cacique Mongangá queria uma maneira de repassar aos filho uma vez que estava se perdendo quando eles moravam na aldeia Barra Velha porque foram proibido de fazer as prática tradicionais, de falar língua, praticar sua cultura, seus costume, de caçar, de pescar.



Figura 1 - Cacique Mongangá (Acervo Pessoal)

Então na década de 70 ele busca uma nova vida em Minas Gerais. Em Governador Valadares tinha a fazenda ministério que era da FUNAI e ele passou a ser coordenador dessa fazenda onde recebia vários parentes. Mas, porém, ali não estava muito perfeito pra ele pois era muito próximo da cidade, então a FUNAI o encaminhou a Brasília para conseguir uma nova terra. Onde ele poderia estar fazendo suas práticas tradicionais e foi onde ele conheceu a fazenda Guarani; nesse período ele começou trazer os pais, os irmãos e os parentes. Assim os parentes foram acompanhando seu Paulo que é o pai de Bayara, seu Nilson, seu João, logo em seguida Avelino. Então vários outros Pataxó, parente deles vieram acompanhando para a fazenda Guarani.

Na fazenda eles reuniram as lideranças junto com a família Pataxó e foram lutar pelo território para conquistar, demarcar e homologar a terra. Nesse decorrer da década de setenta, na década de oitenta, nasce o Romildo - que sou. Nesse período a gente consegue no ano de 1988 a demarcação do nosso território até então ele era o cacique e Bayara vice Cacique do povo Pataxó da Fazenda Guarani. A partir da demarcação



Figura 2 - Hemungã
(Acervo Pessoal)

cada um, cada família começou já a criar as aldeias; ficou a aldeia sede, a aldeia Retirinho, aldeia Corpo do Engenho, e Aldeia Imbiruçu, onde ele falou que ali seria a aldeia dele. Então começou a partir daí ele Cacique Mongangá junto com Hemungã (Figura 02) para formar a aldeia Imbiruçu. Nesse período todos os filhos já iam crescendo e estudando e praticavam os rituais da festa das águas. A primeira festa das águas foi a partir da criação da Aldeia Imbiruçu uma cultura que veio dos ancestrais trazido na memória deles reuniu todos os familiares e fizeram o ritual. Desse dia em diante nunca mais deixamos perder esse ritual que é muito sagrado pro povo pataxó. E eu fui crescendo juntamente com meus irmãos aprendendo e praticando todo ensinamento do cacique Mongangá. A todo momento, em nossa religião, em nossos costumes eu estava ao lado do cacique e ele sempre falava para a família - pra mim para meus irmãos - que ele queria que o filho dele fosse cacique.

Então ele chegou, um dia pra mim e falou assim: “Timbá, no dia que eu falecer, você vai está assumindo o cacicado”; mas como eu era ainda muito jovem, não levei muito a sério porque eu não queria assumir o lugar do meu pai. Pra mim eu queria que ele fosse cacique pro resto da vida. sem eu estar ocupando o espaço dele. Então deixei o tempo levar, né? Não fiquei com ganância sobre o cacicado. Mas tudo era preparado por Deus, pelos encantados, eles sabiam de tudo e ele tinha esse conhecimento essa ciência. Em 2002 na virada para 2003 ele faleceu.

Perdemos uma grande história, um grande líder, um grande lutador pelo território que demarcou, homologou e foi o fundador da aldeia Imbiruçu; pra minha família, pra comunidade foi uma perda muito grande, um choque nas nossas vidas. Ficamos um ano sem cacique, eu não queria assumir o lugar do um grande guerreiro Cacique Mongangá eu não me achava, não tinha chão, não achava o jeito de estão liderando. Eu era muito novo, inexperiente, mas com conhecimento muito que eu carregava sempre dentro de mim.

Essa sabedoria que a força da natureza ia me ensinar e a força dos encantados iam me mostrando. Como ele é tudo planejado por Deus e pelos ancestrais decidi então assumir

o cacicado. como o povo precisava naquele momento de uma pessoa com compromisso, com responsabilidade, que tratava todos com respeito e com carinho eles me elegeram em 2004 como novo cacique da aldeia Imbirçu assim fazendo o gosto do cacique Mongangá. Não foi fácil pra mim, não foi fácil pra minha mãe, não foi fácil para os meus irmãos porque estar naquele momento ocupando um espaço tão importante de um guerreiro que ficou mais de trinta anos de cacicado e de repente entra um garoto que não tinha muito conhecimento da luta, mas com boa vontade e com bons ensinamentos que o cacique deixou.

Passo então a descobrir a importância e o valor de liderar um povo com conhecimento e uma sabedoria muito grande que é a minha própria família. Então comece a fortalecer através do ensinamento que o cacique Mongangá deixou de manter sempre o respeito a relação com a natureza, com seres encantados, com as práticas tradicionais do nosso costume e nunca deixar morrer a festa das águas. Então começo reunir todo meu povo e assumiu o cacicado, onde foi feita uma grande festa recebendo todos os adereços do Cacique Mongangá; foi uma emoção tão grande pra mim naquele momento. Sabendo eu que a todo momento podia pedir uma força a Deus, aos encantados, ao cacique que era o encantado para o nosso povo (Figura 03).



Figura 03 – Encantados Aldeia Pataxó Imbirçu / Carmésia, MG

Então fui descobrindo a importância de estar ali liderando um povo onde; dali pra frente o compromisso e a responsabilidade eram dobrados e todo cuidado era pouco. Então sempre carregando dentro de mim esse ensinamento, essa ciência que meu pai - o cacique Mongangá - me ensinou eu começo descobrir meu dom. Ao meu lado também a minha esposa Adriana que sempre me dando uma força e apoio junto com minha mãe Hemungã uma grande parteira, benzedeira e com grande conhecimento

também sempre me ensinando, sempre passando essa força e sabedoria. Então a partir daí então a responsabilidade passou a ser minha.

A inexperiência de um jovem passa a ser um compromisso muito grande como um adulto; aos 22 anos passo a ter conhecimento de um de um velho, de um ancião. Não foi fácil pra mim, mas Deus deu sempre uma grande sabedoria, o dom pra cada um de nós. Todos nós indígenas temos esse dom. Então a partir daí eu começo ver e acreditar nas forças dos ancestrais e o quanto eles são importantes nas tradições do povo. Quanto eles são importantes ao lado de um cacique dando força dando sabedoria e inteligência pra liderar um povo.

Daí então, fui descobrindo esse dom, progredindo cada vez mais, buscando mais conhecimento me preparando espiritualmente e fisicamente. Hoje tenho essa oportunidade de estar falando que realmente os nossos ancestrais estão sempre do nosso lado nos dando força, nos dando sabedoria e trazendo grandes ensinamentos.

Hoje tenho meu pajé, sou cercado de dois pajés e mais um pajé em preparação - é criança já estamos preparando - praticamente três pajé na minha aldeia. Só tenho que agradecer a Deus por tudo, por ele ter aberto a minha mente, abrindo as portas da minha comunidade para que através desse conhecimento milenar possamos nos fortalecer. Somos um povo resistente, que só resistiu até hoje devido essa força que eles têm nos ancestrais. Que carrego dentro da memória e do coração.

Hoje eu faço parte do grupo da CVN e acredito que foi tudo preparado por Deus e os Naô. Porque alguém tinha que vir diante da desse cenário tão lindo para deixar registrado esse momento; pra que nós nunca possamos perder os nossos costumes. Assim, fui indicado pelos ancestrais para estar fazendo esse trabalho maravilhoso, deixando registrado. Os Naô, o nosso povo ele pede socorro, ele pede socorro porque o nosso povo em si em geral está deixando a perder e se entregando a outras culturas. Somente as culturas europeias estão influenciando nossa vida, nossa cultura e na nossa religião.

Então acredito que que essa força vem de Deus e dos nossos ancestrais é essa mensagem que eu tenho que transmitir pra todos e todas. Para que as comunidades

indígenas e tradicionais que nunca deixem perder, nunca se entregue, não deixe abalar, não enfraqueçam diante das dificuldades. Porque foi assim que os portugueses sempre nos trataram trazendo essas infiltrações de outras culturas para atrapalhar a nossa que é tão rica que é milenar e que está se perdendo cada vez mais.

Deixo aqui meu apelo a todos os caciques, todas as lideranças para nos fortalecer, vamos buscar mais os nossos ancestrais que eles querem nos falar, quer nos proteger. Irmão muito obrigado, essa é a mensagem que eu tenho a deixar. Abraço. Cacique Txonãg.

CONSIDERAÇÕES FINAIS / ANALISE

Através das pesquisas realizadas com os anciões e pajés do povo Pataxó, pude compreender mais profundamente a relação que o povo Pataxó tem com os encantados, sua importância, sua manifestação, a preparação e as maneiras como eles nos ajudam como povo, tanto nos processos de cura, quanto em questões da aldeia e da relação com a Natureza. Seria muito importante que a educação do povo Pataxó, trouxesse de forma mais efetiva nos livros didáticos e paradidáticos da educação básica, a presença e importância deles para a nossa cultura, demonstrando o que praticamos em nossos momentos de concentração e reverência aos saberes da mata.

Também consegui através da pesquisa e da entrevista, sistematizar um pouco do conhecimento que eu mesmo tinha sobre esses seres, relembando muitas passagens e conhecimentos passados e vivenciados. Aprendi que nós indígenas temos um conhecimento milenar, através da nossa memória viva tradicionais, os grandes problemas e sobre a escrita na hora de transcrever a oralidade. A importância desse tema escolhido, faz reviver e viajar no mundo das nossas ancestralidades, por mais que sabemos guarda segredos das espiritualidades.

Para acessar o podcast realizado como parte do percurso acadêmico:

<https://www.mixcloud.com/upload/marco-scarassatti/os-seres-encantados-da-mata-do-povo-patax%C3%B3-uma-conversa-com-cacique-baiara-e-cacique-romildo/complete/>

REFERÊNCIAS

PATAXÓ B. Entrevista com Cacique Bayara Pataxó. 2022.

PATAXÓ, A. et al. O povo pataxó e sua história. Belo Horizonte: MEC/UNESCO/SEE, 1997.

SANTOS, F.H.O. Trioká Ui Pataxí: saberes etnobotânicos em narrativas dos pataxós da Gerú Tucunã, 2020. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana) Universidade do Estado de Minas Gerais, 2020.